

Colóquio Internacional e Interdisciplinar Alexander von Humboldt –
Garcia de Orta: Errâncias, investigações e diálogos entre culturas
Sociedade de Geografia de Lisboa

Colóquios dos Simples de Garcia de Orta:
Conversas no interior da Índia¹

Teresa Nobre de Carvalho²

Resumo

Apresentar *Colóquios dos Simples* de Garcia de Orta é falar da primeira obra de divulgação sobre a botânica asiática, publicada por um europeu. A redacção em português, a forma dialogada, a interacção de múltiplos intervenientes, a referência a gentes anónimas que fornecem informes e exemplares, tornam *Colóquios dos Simples* numa obra de um colectivo. Orta compila e analisa os dados de Antigos e contemporâneos e confronta-os com a realidade que experimenta. No entanto, o seu conhecimento é complementado pelo saber de feitores, mercadores, servas, informadores ou físicos locais. A colaboração de toda esta gente incógnita, que circula livremente entre as conversas de Ruano e Orta, redimensiona a medicina erudita europeia. De cada recanto do Oriente, um mundo popular e erudito participa na construção de um novo saber que questiona o do Ocidente. *Colóquios dos Simples* constitui um texto inovador também por esta possibilidade que Orta dá a cada um de participar na aventura da Modernidade.

Introdução

Ao longo do século XVI circulam na Europa numerosas notícias sobre o mundo natural asiático. Alguns registos permanecem manuscritos. Os relatos orais de viajantes e marinheiros assim como algumas imagens, mais ou menos fabulosas, descrevem, ainda que de forma incipiente, a natureza de um Oriente fantástico. Desenha-se o relevo da costa, contam-se lendas, fala-se de riquezas, descrevem-se plantas. Muitos dos textos são adaptados e traduzidos por Ramúsio que em 1550 publica em Veneza, *Della Navigazione et Viaggi*. O primeiro volume, especialmente dedicado às viagens dos europeus para Oriente, veicula uma informação sobre a Ásia complementar daquela que, desde há muito, circula através das obras de Plínio, Avicena ou Dioscórides. Nesta enciclopédia de exotismos, a Europa encontra descrições, ainda que sumárias, de plantas, animais e pedras preciosas. Canela,

¹ Teresa N. Carvalho, "Colóquios dos Simples de Garcia de Orta: Conversas no interior da Índia", Livro de Actas do Colóquio *Garcia de Orta e Alexander von Humboldt: errâncias, investigações e diálogo entre culturas* (Lisboa: Universidade Católica, 2008), pp. 165-174

² Doutoranda em História e Filosofia das Ciências, FCUL. Bolseira FCT.

cravo, pimenta, gengibre, noz, cânfora, *betre*, manga, jaca, coco, ou areca inscrevem-se ao lado de rinocerontes, serpentes, elefantes, pássaros, peixes, diamantes, rubis, esmeraldas, pérolas...No entanto, os médicos e botânicos europeus esperam dos portugueses imagens e informações precisas. Na realidade, desde há muito que a botânica do Novo Mundo, especialmente através dos textos de Oviedo, circula na Europa. Para o europeu, a Ásia continua invisível. Laguna³ acusa os sábios portugueses de inércia. Mathioli⁴ exorta os médicos lusitanos a quebrarem o seu silêncio, produzindo informações fiáveis sobre o mundo natural asiático. A obra de Garcia de Orta inscreve-se assim neste momento cronológico. *Colóquios dos Simples*, livro que fala do mundo natural asiático, é impresso em Goa, em 1563.

A visão de Garcia de Orta

Se Garcia de Orta quisesse ter publicado uma obra de História Natural como estas eram habitualmente apresentadas na sua época, poderia ter redigido um texto em latim, relativamente hermético, profusamente anotado, com inúmeras referências aos autores contemporâneos ou da Antiguidade e incluído, se possível, xilogravuras. A sua presença, enquanto autor, deveria ser diminuta. A capacidade de persuasão de um *eu vi* ou *eu ouvi* seria suficiente para convencer o mundo ocidental da veracidade de uma observação. Da mesma forma, o testemunho das populações locais era dispensável; os seus nomes, passos, atitudes, questões, ou vidas, desnecessárias. Aparentemente, Garcia de Orta quis fazer algo mais do que um texto estritamente sobre botânica...Talvez para o médico fosse impossível destriçar as plantas, as pedras ou as paisagens das pessoas que nelas habitam e que lhes dão vida. Além disso, como poderia o naturalista descrever o aroma da canela sem referir os feitos do invencível capitão ? Referir a pimenta sem contar os episódios que comprometem soberanos e boticários? Falar de cravo sem lamentar a traição de Magalhães ? Apresentar o banguê sem mostrar a proximidade do Sultão a Martim Afonso de Sousa ? Representar o *betre* sem recordar Nizamoxa, esse grande senhor do Decão? Garcia de Orta (parece) não quis ser capaz de o fazer. Outros, Clusius, Cristóvão da Costa, Juan Fragoso, o fizeram mais tarde!

³ Orta, 1987, vol II :248

⁴ Orta, 1987, vol I :216

Orta parece assim ter uma forma de ver o mundo natural da Ásia diferente das elites europeias. Apesar de formado nas universidades peninsulares de Salamanca e Alcalá, o médico, no momento em que publica a sua obra, acumula um saber de 30 anos vividos e experimentados na Índia.

Para nos falar da sua experiência, da qual ele próprio é o centro evidente, Orta convida o leitor até sua casa. O médico descreve o mundo natural da Ásia testemunhando a sua vida. Do discurso de Orta percebemos que o seu saber resulta não apenas da vivência dos textos mas também do diálogo e confronto de ideias com outros. Os outros são assim fundamentais no método de aprendizagem do médico. Orta não se cansa de dizer que *perguntou* ou que *mandou saber* por gente da sua confiança...A *pergunta*, reveladora da sua curiosidade insaciável foi, ao longo de todos os anos passados na Índia, o que lhe permitiu aprofundar o seu conhecimento do mundo. A originalidade do discurso de Orta parece assim emergir deste testemunho do carácter fundamental da presença de *outro* para a validação da sua experiência. Garcia de Orta, que poderia ter comunicado à Europa a sua visão e saber sobre a Ásia sem se referir aos *locais*, opta por mostrar ao mundo erudito europeu o carácter imprescindível da presença dos orientais na apreensão e aquisição do seu mundo. A *evolução* que Orta introduz com o seu texto não se limita ao conteúdo de carácter 'científico'. É toda a compreensão do mundo que está em causa. Incluir os outros na sua leitura da realidade é reconhecer-lhes consistência e densidade. Os outros são, tal como ele, sequiosos de saber, intensamente curiosos.

A curiosidade é também o que move cada um daqueles que chega à Índia e que o procura. Ruano, seu companheiro durante os estudos universitários, vem até Goa na nau de um seu cunhado.⁵ No caminho alguém lhe falou do médico de Goa: Homem de saber, físico de Vice-reis e Governadores, fidalgos e clérigos; médico de ricos e pobres que não deixam sair de Goa por considerarem imprescindível para a saúde de toda a cidade. Este Dr. Ruano, que bate à porta do médico, tem sido identificado com o próprio Orta chegado a Goa em 1534, então ao serviço de Martim Afonso de Sousa.⁶ Talvez Ruano corresponda em parte à personalidade de Orta... mas é possível que represente também cada um dos que, aportando nas margens do Mandovi, se lhe dirige questionando-o sobre plantas,

⁵ Orta, 1987, vol I :19

⁶ Orta, 1987, vol I :21

pedras preciosas, rotas, mercados, preços, pesos...Gente inquieta, curiosa, fascinada que, tal como cada um de nós, os seus leitores, se questiona sobre o mundo natural da Ásia. Desta forma, em vez de termos um discurso circular entre dois momentos de uma mesma pessoa (Garcia de Orta/Ruano), encontramos um centro (Garcia de Orta) do qual irradia, ultrapassando as barreiras do tempo e do espaço, a resposta para cada questão.

Na verdade, o físico sabe *sempre* mais do que os seus leitores. Poucos são os que o médico reconhece mais sábios que ele. Para além de um boticário, um feitor, um soberano local e de um ou outro médico árabe, ninguém parece saber tanto sobre a medicina e os negócios da Ásia como ele próprio.

A casa de Garcia de Orta

Grande parte dos *Colóquios* decorre na casa de Garcia de Orta, situada na Rua (da Ala) dos Namorados no cruzamento com a Rua do Crucifixo. Uma ampla casa goesa, com o extenso quintal virado a Sul e uma varanda dominando a Ribeira, o cais de Santa Catarina e o rio.⁷ A maioria das conversas entre Orta e Ruano parecem ocorrer no seu gabinete de trabalho. Por vezes Orta mostra um capítulo de um livro a Ruano, outras apresenta-lhe amostras ou exemplares.⁸ É neste ambiente que o leitor é levado a ver o banguê, os brindões, as cáceras, as carambolas, o cardamomo, o açafraão, o folio, o betre, o melão, o mangustão, a pimenta verde, o tamarindo, as mangas, a pedra arménia ou as esmeraldas. Através do seu texto, o médico dá a conhecer ao europeu um invejável gabinete de exotismos.

O escritório não parece ser grande mas dá acesso a uma varanda virada ao Mandovi, onde Orta e Ruano aproveitam as temperaturas amenas. É a partir desta que o médico avista o vai-vem das embarcações.⁹ Sempre atento a todo o movimento exterior, Orta *toma o pulso* de Goa. No sossego do seu consultório, Orta recebe os médicos,¹⁰ o rendeiro de Bombaim,¹¹ o capitão do seu navio,¹² o

⁷ Silva Carvalho, 1934: 89

⁸ Orta, 1987, vol II: 247

⁹ Orta, 1987, vol II: 101

¹⁰ Orta, 1987, vol II: 332

¹¹ Orta, 1987, vol II: 101

¹² Orta, 1987, vol II: 25

lapidário,¹³ os moços e moças que lhe trazem os notícias e recados dos seus pacientes de Goa.

Por vezes as conversas decorrem numa sala mais ampla e luminosa. Os médicos estão então sentados à mesa¹⁴ e Ruano chama a atenção para as frutas que as empregadas estão a comer ou a arranjar.¹⁵ Os diálogos são então permeáveis às entradas e saídas da criadagem. Os frutos multicolores da Ásia, tal como no quotidiano da Índia, invadem as conversas de Ruano e Orta. Os aromas, as cores, os sabores pertencem a todos. Neste contexto, mais arejado e descontraído, o naturalista leva-nos até um balcão de onde se avista a sua *orta* e mostra-nos as árvores de fruto¹⁶. É neste ambiente que Ruano relata a eficaz receita da cozinheira para tratar as gengivas¹⁷ ou conta o que *os da casa dizem* sobre Orta.

Alguns diálogos decorrem no exterior. A cavalo¹⁸ ou no mercado de Goa¹⁹, Orta e Ruano tornam o quotidiano da Índia indissociável do seu mundo natural. Do passeio pelo leilão de Goa, pela praça de Cambaiete, pelo bazar de Diu ou pelas bordas de Ganges, Orta mostra-se familiarizado com a orla marítima da costa ocidental da Índia.

Os empregados de Garcia de Orta

O médico tem ao seu serviço numerosos empregados, reais ou fictícios, que aproximam o texto de um amplo auditório de leitores. A atenção de Orta em relação a cada um deles faz com que, apesar das suas curtas intervenções, seja possível distingui-los. Pela leitura dos *Colóquios* podemos aperceber-nos da diversidade dos que servem na casa dos Orta. Aparentemente desempenham funções distintas. Supõe-se que as tarefas caseiras estejam criteriosamente distribuídas. Uns, atentos à porta, outros a cuidar da cozinha, outros ainda, mais próximos do patrão, acompanham de perto as conversas do médico. As suas intervenções são por vezes pontuais, restringindo-se a um *eila aqui*, mas outras vezes são mais complexas. Alguns são tímidos e reservados, outros, muito seguros

¹³ Orta, 1987, vol I: 311

¹⁴ Orta, 1987, vol I: 329

¹⁵ Orta, 1987, vol I: 117, 146

¹⁶ Orta, 1987, vol II: 25

¹⁷ Orta, 1987, vol II: 69

¹⁸ Orta, 1987, vol I: 118, 297 ; vol II: 339

¹⁹ Orta, 1987, vol I: 122

de si próprios, falam alto e fazem-se ouvir. Orta acede a que os seus serviçais irrompam pelo seu gabinete e opinem. Confia neles. Dá-lhes voz, carácter. O médico parece saber que os seus empregados, apesar de gentes simples, lhe serão sempre leais.

As servas intervêm para revelar produtos locais *como os brindões*²⁰ *ou as cáceras*,²¹ o gengibre,²² o tamarindo,²³ a cânfora do Bornéu,²⁴ o açafraão,²⁵ ou o cardamomo;²⁶ Surgem com problemas da vida do dia-a-dia - a forma de cozinhar as curcas; Referem alguma prática médica local - o uso do mungo²⁷ - Recomendam tratamentos para lombrigas - o pau de cobra.²⁸ Conhecem os gostos alimentares de Orta – melam.²⁹ Apresentam uma nova planta - o negundo;³⁰ Anunciam a chegada de um visitante. É relevante o carácter da cozinheira.³¹ Mulher pragmática e autoritária, informa sobre o uso local do cravo e da canela,³² opina (melhor que Avicena) sobre tratamentos para as gengivas.

Mas o médico tem também moços e servos ao seu serviço. No Colóquio das mangas, uma das frutas mais apreciadas da Índia - que quando vem ao mercado ultrapassa todas as outras - Orta conduz o leitor ao exterior. Aparentemente não se vai falar de trabalho, apenas de frutas saborosas. Para nos mostrar a excelência desta fruta que outro local mais indicado do que uma varanda sobre o rio? Olhar o Mandovi, apreciar a paisagem é também uma forma de desfrutar da Índia.

Neste colóquio, Garcia de Orta interrompe subitamente a conversa para chamar o empregado. Intriga-o a chegada de duas pequenas embarcações, *que parecem cousa pequena*. Desconhecemos se será possível a Orta alcançar com o olhar o movimento de barcos no rio. Mas pouco importa. O que o médico parece querer dizer é que o que quer que se passe no rio, ele sabe-o. Chegadas e partidas de embarcações e mercadorias não lhe são estranhas e o pessoal de sua casa é o primeiro a trazer-lhe essas informações. Orta retoma o discurso sobre os frutos. O

²⁰ Orta, 1987, vol.I:117

²¹ Orta, 1987, vol.I:146

²² Orta, 1987, vol II: 9

²³ Orta, 1987, vol II,:320

²⁴ Orta, 1987, vol I:152

²⁵ Orta, 1987, vol I:280

²⁶ Orta, 1987, vol I:176

²⁷ Orta, 1987, vol II:139

²⁸ Orta, 1987, vol II:181

²⁹ Orta, 1987, vol II:134

³⁰ Orta, 1987, vol II:163

³¹ Orta, 1987, vol I: 279

³² Orta, 1987, vol I: 201

rapaz parte e regressa com um cesto de mangas. O detalhe da cena que se segue parece revelar a preocupação de Garcia de Orta em mostrar - a Ruano e aos seus leitores - como os seus empregados o valorizam perante estranhos e como o defendem do *poder*: O rapaz quando chega, carregado com um cesto de mangas primores, informa que a embarcação pertence a Simão Toscano, o seu rendeiro de Bombaim. Claramente que esta dupla informação se destina a nós, os que o lemos. A ilha de Orta está arrendada. O seu rendeiro, homem da sua confiança, de apelido Toscano, traz-lhe periodicamente frutas, mercadorias, informações...a rede de conhecimentos do médico não é virtual, concretiza-se em gente com nomes e funções. Mas o rapaz preocupa-se com o seu mestre. Tal como o moço que o protege da intensidade da luz da manhã, o empregado precipita-se a escolher as melhores mangas para o Governador. Ao leitor, tal como a Ruano, que espera poder provar os frutos que Orta tanto gaba, só são dadas a provar as mangas já tocadas. Ao Governador, a *Sua Senhoria* como ironiza Orta, só se poderá enviar o melhor! A preocupação do jovem empregado parece divertir Garcia de Orta.

Em algumas cenas que o médico descreve, encontramos-nos à mesa³³. Já não basta que nos receba no seu gabinete de trabalho. Garcia de Orta *dá-nos mesa*. Imenso privilégio que o médico nos concede. Numerosas são as vezes em que o médico nos ordena de continuar a comer. Transportados para uma sala ampla e luminosa, sentados à mesa do físico, experimentamos os pasteis, o pavão, o caril de galinha, o carneiro, o peixe cozido, o ber, as carandas, as curcas, os melões da Índia, as patecas, as carambolas, vemos as cáceras, os brindões, o cardamomo ou o tamarindo. Para além de todas estas iguarias, Orta apresenta-nos diversas conservas de frutos para cuja confecção as mulheres da Índia são particularmente dotadas.

Servidos pelas suas empregadas, cada um dos seus leitores, pode presenciar uma mesa rica, colorida, variada, invejável aos senhores europeus. As informações sobre as frutas da Índia são-nos assim apresentadas pelas criadagem. As moças e servas que circulam em torno daquele amplo espaço, dão-nos a conhecer (e à Europa) as delícias da Ásia assim como as qualidades terapêuticas dos pequenos frutos indianos. Apesar de nos serem apresentados por elas, cabe ao médico a última palavra sobre cada assunto. Mas Orta insiste na confiança que deposita em todos quantos o servem. Não se pense que todos os que servem na

³³ A .G.Matôso,1940 :70-72

Índia são de confiança. No meio de uma conversa entre Orta e Ruano irrompe uma empregada apressada.³⁴ Vem de casa de sua senhora onde esta foi envenenada por uma *negra* que lhe deitou datura no prato. Forma muito vulgar de actuar na Índia. Depois fazer algumas perguntas importantes para estabelecer o diagnostico, Orta parte ao encontro da sua paciente. Com ele sai Ruano e cada um dos seus leitores. Encontramos uma senhora apatetada pelo veneno. O médico dá as indicações de intervenção e garante que Paula Andrade estará recomposta em 24 horas. Nesta cena há ainda a notar que o médico manda a empregada ao boticário aviar a receita que lhe prescreve, sem que, no entanto Orta se recorde de nos dizer do que se trata. O segredo fica entre Garcia de Orta, a empregada (talvez analfabeta) e o boticário. A situação encontra paralelo quando o físico segue aquele pajem que, fora de horas o procura, para tratar o irmão de D. Jerónimo³⁵. O médico está disponível para tratar nobres e elites a qualquer hora. Certamente fidalgo de posses, D. Jerónimo apresenta a Orta o seu boticário, para que este siga as suas indicações nos ínfimos detalhes. Num caso e noutro, a preocupação de Garcia de Orta não é informar o leitor da terapia a seguir...Orta, do que sabe, apenas revela o que lhe interessa. O médico guarda para si os seus segredos que o tornam imprescindível em Goa a cada hora do dia ou da noite.

A casa de Orta: local de encontro entre Ocidente e Oriente

A circulação destes empregados pelo texto dos *Colóquios* revela a inserção de Garcia de Orta numa certa modalidade de sociedade portuguesa de Goa. O tipo de casa³⁶, com varanda e jardim para o lado de trás, a criadagem, as entradas e saídas de pessoas de origens diversas fazem supor que GO, talvez por ser médico de Governadores, tivesse uma forma de vida particular. Mas, mais do que avaliar o quotidiano do médico, importa salientar que os orientais perceberam a lógica da presença portuguesa na Índia. Se alguns portugueses aderiram, como Orta afirma, aos hábitos orientais o mesmo não se pode depreender dos locais em relação aos costumes do Ocidente. Orta mostra-nos que o rapaz das mangas percebeu como se deve comportar em relação aos poderosos; revela-nos que as

³⁴ Orta, 1987, vol I:295-296

³⁵ Orta, 1987, vol I:261-263

³⁶ A. G. Matôso, 1940:86

suas empregadas estão atentas aos seus gostos alimentares, apresenta-nos um médico indiano, o Dr. Malupa, que diariamente se desloca a sua casa para tratar das suas criadas. Este médico, que entra timidamente em cena tem, para Orta, uma forma incompreensível de tratamento das suas empregadas. Apesar do beija-mão e da manifesta discrição – quase que excessiva - o físico indiano tem um saber que Garcia de Orta não consegue alcançar.³⁷ Orta, com algum desdém, diz que os médicos indianos baseiam a sua actuação apenas na experiência. Idêntica ironia se pode encontrar quando relata a irresistível lenda da *árvore triste*, que Orta conta, para que Ruano veja as *parvoíces e fabulas desta gentildade!*³⁸ Para já não falar daqueles pobres mendigos que alimentam as formigas ou daqueles outros que fazem hospitais para pássaros. Ou daqueles que deixam de comer para comprar cheiros...Orta não consegue compreender que força move toda esta gente! Experimentou a água do Ganges, e achou-a muito boa. Deliciou-se com o sabor e aroma das mangas. Repugnou-se com o *betre* e com o arroz. A diferença é profunda e íntima. Apesar da Ásia conhecer Orta, o médico não decifra o interior da Índia. No entanto, para Orta parece não ser possível descrever o mundo natural asiático extraíndo-o do seu contexto humano. A sua vivência do Oriente leva-o a entender plantas, pessoas e acontecimentos como episódios de uma mesma realidade.

Divulgação europeia da obra de Orta

A obra de Garcia de Orta foi intensamente divulgada na Europa graças à oportuna versão latina publicada por Clusius em 1567³⁹. Desfeitas as conversas de Orta e Ruano, diluídas as presenças humanas, esvaziados os ambientes, apagadas as paisagens, Clusius retomou o discurso de Orta e deu-lhe visibilidade aos eruditos europeus. Ao proceder aos seus judiciosos cortes e à conveniente limpeza do texto, Clusius transformou o livro de Orta num compêndio de botânica equivalente a outros então produzidos na Europa. Mas Clusius, talvez por não querer arriscar afirmações que não pode confirmar, não se apropria do texto de Orta. Este homem de leis, discípulo do rigor, deixa a Orta cada uma das suas observações. Mantém o texto na primeira pessoa. No entanto, esvazia o texto de todas aquelas personagens de que

³⁷ Orta, 1987, vol II:332

³⁸ Orta, 1987, vol I:71

³⁹ Como nos recorda Marília dos Santos Lopes, esta obra teve diversas edições e foi, na época, amplamente traduzida.

Garcia de Orta se fez acompanhar para descrever a Índia. Apesar das pessoas terem desaparecido, as suas observações, as suas opiniões, os seus saberes surgem como vozes de um colectivo. Para além de se tratar do relato do mundo natural do Oriente feito por um europeu residente no Velho Continente, o *Aromatum* de Clusius levará a cada canto da Europa culta um pouco da visão que Garcia de Orta deu da Índia...já não centrada no gabinete de trabalho de Goa onde servas cruzam cada conversa do seu senhor, na varanda de onde se avista o Mandovi ou naquela outra onde se sente o aroma inebriante das fruteiras, mas ancorada em Antuérpia. Ali, onde Clusius sente o aroma das canelas, vê o lacre, observa os cachos de pimentas, avalia as águas dos diamantes, a Índia tem um preço e vende-se a peso de ouro.

No *Aromatum*, os nomes próprios foram substituídos por colectivos. Da visão individual passamos à ideia global. Não é a cozinheira ou a serva que têm este ou aquele conhecimento, mas é toda a Ásia. A gente simples da Índia tem assim a possibilidade de trazer ao Ocidente o seu saber tradicional. A seu lado surgem os médicos indianos, que Orta parece não perceber, e os físicos árabes, possuidores de uma erudição fortemente ancorada nos textos e na experiência. A visão do mundo natural da Ásia que Garcia de Orta consegue fazer chegar à Europa através da versão de Clusius⁴⁰, paradoxalmente individual e global, revela uma profunda vontade de dar voz àqueles em quem acreditou e com os quais se familiarizou.

Summary

When we talk of *Colóquios dos Simples*, by Garcia da Orta, we talk of the first text published by a European which spread the word about Asian botany. The fact that it was written in Portuguese, the format (a dialogue), the interaction of the different

⁴⁰ Juan Fragoso, 1572, *Discurso de las cosas aromaticas...*, Cristovão da Costa, 1578. *Tractado de las drogas...* basearam as suas obras sobre o mundo natural asiático na análise da versão goesa dos *Colóquios dos Simples*. Em ambos os casos os médicos apagaram a presença destas múltiplas personagens apresentadas por Orta.

voices, the reference to anonymous contributors of information and specimen make *Colóquios dos Simples* a collective work. Orta compiles and analyses the data from both ancient and contemporary sources and compares them to the reality he knows. However, his knowledge is complemented by the knowledge of "feitores", merchants, maids, informants and local physicians. The collaboration of all these unknown people, which flows in the dialogue between Ruano and Orta, changes the landscape of the discourse of European medicine. From every corner of the Orient, a world, both popular and erudite, takes part in the construction of new knowledge that challenges the West's. *Colóquios dos Simples* also innovates in the opportunity which Orta gives to everyone to participate in the adventure of Modernity.

Bibliografia

Costa, Cristovão da (1964) *Tratado das Drogas e de medicinas das Índias Orientais no qual se verifica muito do que escreveu o Doutor Garcia de Orta*. Versão portuguesa de Jaime Walter. Lisboa. Junta de Investigações do Ultramar. [1578]

Clusius, Carolus (1964) *Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud indos nascentium historia...* Antuérpia. Plantin. Versão portuguesa de Jaime Walter. Junta de Investigações do Ultramar. [1567]

Fernandez de Oviedo, Fernando (1959) *Historia General y Natural de las Indias*. Édit. Par Juan Pérez de Tudela y Bueso. Madrid; BAE. nº. 117-121 [1547].

Fragoso, Juan (1572) *Discurso de las cosas aromaticas arboles y frutales y muchas otras medicinas simples que se traen de la India Orienta, y sirven al uso de la medicinal*. Madrid. Francisco Sanchez.

Matôso, A.G. (1940) A vida do Oriente Português no século XVI através dos 'Coloquios' de Garcia de Orta. *Congresso do Mundo Português*. IV volume. Tomo 2: 65-95.

Orta, Garcia de (1987) *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*. Reprodução em fac-similae da edição de 1891 dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho. 2 vols. Lisboa, IN-CM.

Santos Lopes, Marília (2006) A revelação das plantas. Garcia de Orta, Carolus Clusius e as espécies asiáticas na Europa. *Revista de Cultura*. 20: 11-27

Ramusio, Giovanni Battista (1978-1988) *Navigazioni et viaggi*, edição de Marica Milanese, 6 vols. Turim, Einaudi [1550].

Silva Carvalho, Augusto (1934) Garcia de Orta. *Revista da Universidade de Coimbra*, vol XII, pp :61-246.

teresanc89@hotmail.com

Ciências,

Teresa Nobre de Carvalho

Centro de História das
Universidade de Lisboa